

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLI - 2002

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOÃO PARENTE, *As moedas romanas do Museu da Guarda*, Guarda, Instituto Português de Museus/Museu da Guarda, 2002, 118 p., ilustrado.

Acaba o Museu da Guarda de publicar o catálogo da sua colecção de moedas romanas, da autoria de João Parente. Este interessante acervo museológico é composto por 319 numismas, que o autor arruma ao longo de quatro capítulos, se assim lhe podemos chamar, de acordo com a sua proveniência: I. *Tesouro numismático da Menoita* (pp. 13-88), II. *Tesouro de Numão* (pp. 89-105), III. *Moedas da Póvoa do Mileu* (pp. 107-113), IV. *Moedas achadas isoladamente* (pp. 115-117). Cada um dos apartados – à excepção do último – possui uma pequena resenha introdutória, onde são tratadas questões relativas à proveniência dos achados e respectiva composição. Estas observações são acompanhadas por quadros com a distribuição do numerário, ordenado por autoridades emissoras, casas da moeda e cronologia das emissões, sem esquecer as fotografias dos locais onde se efectuaram os achados e correspondentes excertos da Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000. Segue-se o catálogo, constando para cada moeda as seguintes entradas: número de inventário, número de catálogo, tipo (denominação), descrição do anverso, descrição do reverso, peso, eixo, diâmetro e, por fim, a respectiva referência bibliográfica. Todas as moedas estão ilustradas individualmente. As descrições são pormenorizadas e, de uma forma geral, bem conseguidas. A apresentação do catálogo é boa, sendo justo realçar a qualidade da execução gráfica e da fotografia. Num primeiro relance, e considerando apenas o aspecto formal, a obra deixa uma impressão bastante positiva. Pena é que não seja possível manter a mesma opinião quando nos debruçamos com atenção sobre o seu conteúdo. E a simples leitura da Apresentação (p. 5-6) e do Prefácio (p. 7) não pressagia nada de bom. Com efeito, a obra contém falhas clamorosas que não podem, de forma alguma, deixar de ser assinaladas. Os dois exemplos mais notáveis são-nos fornecidos pelos tesouros da Menoita (pp. 13-88) e de Numão (pp. 89-105), sobretudo o primeiro, em relação ao qual o autor emite opiniões que chegam a roçar o absurdo.

Começemos pelo tesouro da Menoita. Embora as informações acerca da composição e cronologia do achado por vezes divirjam, é hoje consensual a ideia de que seria constituído por cerca de 300 denários, ocultados em finais da época republicana ou inícios do período imperial. Não admira, portanto, que as propostas do autor a respeito da estrutura e da amplitude cronológica deste depósito nos tenham deixado aturdidos. Para João Parente, o tesouro teria uma abrangência de quase oito séculos, incluindo denários republicanos, bronzes imperiais dos séculos I ao IV, uma moeda provincial do século III e uma moeda bizantina, justificando tão inusitada tese core o argumento peregrino de que o conjunto teria sido reunido por um coleccionador!

É lamentável que o autor, a propósito deste achado, desconheça ou tenha ignorado os trabalhos fundamentais de Hipólito (1960-1961: 57-59, n.º 78) e Faria (1985: 681, n.º 5; 1986b: 18-23), bem como os contributos de Martins (1942: 82-

-84), Almeida (1945: 144), Jalhay (1950: 572) e Centeno (1978: 56, n. 11). No mínimo, teria sido pertinente fazer uma análise crítica da problemática suscitada pelas informações contraditórias fornecidas pelos referidos estudos. Se João Parente tivesse, de novo, levado em consideração as informações de Hipólito (1960-1961: 56-57, n.º 76), teria notado que as moedas n.º 105-149 são, exceptuando pequenas discrepâncias na atribuição de meia dúzia de exemplares, as mesmas que, com base numa notícia de Rodrigues (1954: 205), aquele autor assaca a Numão (no mesmo sentido: Faria 1985: 681-682, n.º 10). Aliás, embora sem se aperceber do facto, o próprio João Parente acaba também por referir o achado na Introdução ao tesouro de Numão (p. 91).

Sustenta João Parente que das cerca de 300 moedas que constituiriam o tesouro da Menoita «só aproximadamente uma terça parte delas eram denários» (p. 15), invocando a informação prestada pelos achadores de que parte das moedas estaria coberta por *verdete*. Em seu entender, este facto atestaria a presença de moedas de bronze no achado. Na verdade esta conclusão é algo precipitada, atendendo a que o depósito continha denários forrados dois dos quais, pelo menos, chegaram até nós (Cat. 52 e 66). Sendo o flua destas moedas de cobre ou bronze, revestido depois por uma fina película de prata, ao fim de algum tempo produz-se uma reacção química que, ao libertar óxidos de cobre, forma uma camada superficial esverdeada. Com alguma frequência, esta é de tal forma espessa que se torna impossível, a olho nú, distinguir qual o metal de que é feita a moeda (France-Lanord 1965: 67; Sease 1992: 97). Por outro lado, é bom recordar que, na Península, não são conhecidos casos de tesouros do período republicano ou de inícios do império em cuja composição entrem em simultâneo moedas de prata e de bronze (Blázquez 1987-1988: 105-142; Villaronga: 1993).

Dando mostras de um sentido crítico pouco apurado, João Parente acabou por misturar indevidamente moedas de vários tesouros, de épocas e proveniências diversas. São, aliás, altíssimas as probabilidades de algumas delas não terem sido sequer encontradas na região da Guarda ou mesmo na Península Ibérica, como é o caso do bronze de Severo Alexandre cunhado em Cesareia da Capadócia (Cat. 104) e do bronze de Justiniano I emitido em Constantinopla, que supostamente fecharia o tesouro (Cat. 253). A inconsistência dos juízos formulados pelo autor está bem exemplificada nas *Conclusões gerais* (p. 29), em especial na última: «... o Tesouro da Menoita tem o especial valor de confirmar a afirmação de Plínio, o Antigo, de que os Romanos eram coleccionadores e se dedicavam à Numismática».

Situação idêntica ocorre com o tesouro de Numão (pp. 89-105). Comentando a composição do conjunto (p. 91), a determinado momento o autor julga, cora pertinência, que o antoniniano de Tétrico (Cat. 262) e os 45folles do séc. IV (Cal. 263-307) poderiam fazer parte de um mesmo tesouro, questionando a presença no lote de um asse de *Emerita* (Cat. 260), de um sestércio de Severo Alexandre (Cat. 261) e de um bronze que supõe visigótico (Cat. 308). É surpreendente que o tesouro da Menoita não lhe tenha suscitado as mesmas interrogações! Contudo, o autor arruma a questão de forma lapidar: «... o tesouro foi-nos apresentado

como um todo único e como tal o estudamos». Uma vez mais, revelava-se indispensável a leitura dos trabalhos de Hipólito (1960-1961: 56-57, n.º 76) e Faria (1985: 681-682, n.º 10; 1986a: 13-14; 1986c: 35-37). Com base nas informações fornecidas por estes investigadores, tudo leva a crer que, nos anos 40 do século passado, terão dado entrada no Museu da Guarda cerca de centena e meia de moedas oriundas de um ou mais achados efectuados na área de Numão. Entre estas contar-se-iam, senão a totalidade, pelo menos a maior parte dos antonimanos e dos bronzes do século IV, que o autor incluiu, desastradamente, no tesouro da Menoita.

Em relação à moeda visigótica que seria o exemplar mais recente do conjunto (Cat. 308), não temos dúvidas ao afirmar que a peça não possui quaisquer características que permitam a sua inclusão no grupo das moedas ditas visigóticas (Crusafont i Sabater 1994). Tão pouco nos parece plausível a sua atribuição a *Bracara Augusta*. O mais provável é tratar-se de uma cunhagem bizantina.

É óbvio que estas confusões nunca teriam ocorrido se, à época em que as moedas foram incorporadas no acervo do Museu da Guarda, tivesse sido efectuado o respectivo registo de entrada. Contudo, a situação não era anómala nos Museus de então. E acabou por ser nesta desorganização do acervo museológico, aliada a uma certa falta de preparação científica para a realização da tarefa que, lamentavelmente, esbarraram as boas intenções do autor.

Para além destas questões de fundo, ainda detectámos na obra em apreço numerosas gralhas, lapsos e pequenas incorrecções, que uma revisão final cuidada teria eliminado em grande parte. Da mais de meia centena que coligimos, apresentamos alguns dos exemplos mais ilustrativos:

- os denários referenciados no Catálogo com os números 42-43, tal como os exemplares 40-41, foram emitidos em 85 a.C. pela família *Iulia* e não pelas famílias *Vibia* e *Tituria*. As referências à obra de Crawford também se encontram assinaladas de maneira incorrecta (RRC 552/1c em vez de RRC 352/1c);
- a emissão do denário RRC 353/1a (Cat. 44-45) é da exclusiva responsabilidade de um moedeiro da família *Fonteia* (Mn. Fonteio). Na descrição do reverso, atente-se que Cupido monta uma cabra e não um cabrito;
- os denários de Q. António Balbo (Cat. 52) e L. Cássio Longino (Cat. 66) são forrados, mas na sua descrição este pormenor foi inexplicavelmente omitido;
- o antonimano de Galieno com reverso *Oriens Aug* – Sol de pé, de frente, cabeça para a esquerda, com a mão direita erguida e globo na esquerda (Cat. 113) terá sido emitido não em Roma, mas em Milão (RIC V (1) 495, Cunetio 1602 e Normanby 408). De resto, as referências bibliográficas citadas pelo autor (RIC V (1) 249, Thibouville 342-343 e Cunetio 1236) correspondem à seguinte descrição: Sol correndo para a esquerda, com a mão direita erguida e chicote na esquerda. O próprio busto, pequeno e esguio, é característico de Milão;
- no *Gloria Exercitus* – um estandarte – de Constantino II (Cat. 169), tanto a forma do estandarte (Bruck 1961: 29) como o busto remetem para *Lug-*

- dunum* (RIC VIII 7), em detrimento de *Siscia* (RIC VIII 89); aliás, no catálogo do Museu de Vila Real, o autor publica correctamente um espécime idêntico (Parente 1997: 256, n.º 2102);
- os reversos dos *Aes4* de Constâncio II, batidos em *Arelale* (Cat. 215-216), estão descritos de forma incorrecta: como se pode verificar, ambos exibem o tipo *Victoriae dd auggq nn* (duas Vitórias). Por indicar ficou ainda a referência a RIC VIII 78 para o exemplar 215;
  - a referência bibliográfica correcta do *Aes4* do tipo *Spes Reipublice*, batido em *Arelate* por ordem de Constâncio II (Cat. 277), não é RIC VIII 84, mas sim RIC VIII 300;
  - nota-se, com frequência, alguma confusão na seriação cronológica das emissões das moedas do tipo *Gloria Exercitus* – um estandarte – cunhadas após a morte de Constantino I (22 de Maio de 337). Para a quase totalidade das casas da moeda ocidentais e para Alexandria, Kent (1981) divide estas emissões em 2 grupos: o primeiro é anterior a Abril de 340 (Cat. 211), enquanto o segundo é posterior àquele mês, prolongando-se até ao final da Primavera desse mesmo ano (Cat. 184, 185, 207, 214 e 312);
  - no *Aes2* de Arcádio, do tipo *Gloria Romanorum* (Cat. 307), só por lapso pode o autor ter omitido a marca [C]ONSG, perfeitamente visível através da fotografia, tanto mais que não teve quaisquer dúvidas em atribuir a moeda a Constantinopla;
  - distinguem-se com clareza, pelo exame das fotografias, numerosas imitações que não são apontadas pelo autor: Cat. 172 (*Gloria Exercitus* – 1 estandarte), Cat. 186 (*Victoriae dd auggq nn* – duas Vitórias), Cat. 233, 255, 256, 257, 287 e 294 (*Fel Temp Reparatio* – cavaleiro derrubado).

Em definitivo, o resultado desta publicação acaba por ser decepcionante.

Destinada a valorizar museologicamente a colecção numismática do Museu da Guarda e a divulgá-la junto do público, não cumpre de modo satisfatório os objectivos a que se propuseram autor e editor, acabando por ficar, do ponto de vista científico, vários degraus abaixo da qualidade a que as publicações do IPM já nos habituaram.

JOSÉ RUIVO

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. (1945), *Roteiro dos monumentos militares portugueses*, I, Lisboa.
- BLÁZQUEZ, C. (1987-1988), «Tesorillos de moneda republicana en la Península Ibérica. Addenda a Roman Republican Coin Hoards», *Acta Numismatica*, 17-18, pp. 105-142.
- BRUCK, G. (1961), *Die Spätromische kupferprägung. Ein Bestimmungsbuch für schlecht erhaltene Münzen*, Graz.
- CENTENO, R. M. S. (1978), «Quatro *denarii* de Monte Mozinho (Penafiel)» *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*, 3, pp. 55-59.

- CRUSAFONT I SABATER, M. (1994), *El sistema monetario visigodo: cobre y oro*, Barcelona-Madrid.
- CUNETIO = BESLY, E. e BLAND, R. (1983), *The Cunetio Treasure: Roman Coinage of the Third Century*, Londres.
- FARIA, A. M. (1985), «Subsídios para um inventário dos achados monetários do distrito da Guarda», *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, 1 (2), Jul.-Dez., pp. 679-689.
- FARIA, A. M. (1986a), «Moedas hispano-romanas do Museu da Guarda», *Numismática*, 40-41, pp. 14-15.
- FARIA, A. M. (1986b), «O tesouro monetário da Menoita (Guarda)», *Numismática*, 42-43, pp. 18-23.
- FARIA, A. M. (1986c), «Algumas moedas romanas do Museu da Guarda», *Numismática*, 42-43, pp. 35-37.
- HIPÓLITO, M. C. (1960-1961), «Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga*, II-III, pp. 1-166.
- JALHAY, E. (1950), «Inscrições romanas do Museu da Guarda», *Brotaria*, L, pp. 560-572.
- MARTINS, M. C. (1942), «Notícia de alguns achados no concelho da Guarda», *Altitude*, 2, pp. 80-85.
- NORMANBY = BURNETT, A. e BLAND, R. (1988), *The Normanby hoard and other Roman coin hoards (Coin Hoards from Roman Britain, VIII)*, Londres.
- PARENTE, J. (1997), *Museu de Vila Real, I. As moedas*, Barcelos.
- RIC V (1) = WEBB, P. H. (1972), *The Roman Imperial Coinage. V (1) – Valerian to Florian*, Londres (reimp.).
- RIC VIII = KENT, J. P. C. (1981), *The Roman Imperial Coinage: VIII The family of Constantine I.A.D. 337-364*, Londres.
- RODRIGUES, A. V. (1954), «Notícia sobre a 1.<sup>a</sup> Exposição Numismática da Guarda», *Nummus*, II, pp. 204-205.
- RRC = CRAWFORD, M. H. (1974), *Roman Republican Coinage*, Cambridge, 2 vols.
- THIBOUVILLE = BASTIEN, P. e PFLAUM, H. G. (1961-1962), «La trouvaille de monnaies romaines de Thibouville (Eure)», *Gallia*, XIX (1), pp. 71-104; XX, pp. 255-315.
- VILLARONGA, L. (1993), *Tresors monetaris de la Península Ibèrica anteriors a August: repertori i anàlisi*, Barcelona.